



doi: 10.20396/rfe.v12i1.8659969

Educação emancipatória e atualidade do pensamento ético-político de Paulo Freire: diálogo e promoção dos direitos humanos

José Renato Polli¹

Resumo:

Este trabalho tem como propósito contribuir para a desmistificação das atribuições pejorativas sugeridas por diferentes atores do campo não progressista, sustentadas em desinformação e falta de referenciais sólidos de análise, sobre o sentido emancipatório da obra de Paulo Freire e suas incidências sobre a educação em direitos humanos. Também tem o objetivo de analisar as sugestões teóricas de Freire como caminhos para a construção de mecanismos de consolidação de uma radicalidade democrática no seio da sociedade brasileira. Buscamos demonstrar que Paulo Freire tem como preocupação primeira o caráter ontológico nos processos educativos, a formação humana, indicando meios educacionais para o aprimoramento da reflexão e da ação intimamente relacionadas, que levem ao crescimento do ser humano e que, no bojo desta preocupação, existe um objetivo maior, emancipatório, comportando todas as ordens deste aprimoramento: a promoção da justiça, o caráter laico e universal da escola pública, o direito à livre manifestação de ideias, o respeito às realidades culturais de cada estudante, a construção coletiva do conhecimento e a defesa dos direitos humanos.

Palavras-chave: Diálogo; Emancipação; Direitos Humanos.

Abstract:

This work aims to contribute to the demystification of the pejorative attributions suggested by different actors in the non-progressive field, supported by lack of information and lack of solid references for analysis, about the emancipatory meaning of Paulo Freire's work and its impact on human rights education. . It also aims to analyze Freire's theoretical suggestions as ways to build mechanisms for consolidating a democratic radicalism within Brazilian society. We seek to demonstrate that Paulo Freire's primary concern is the ontological character in educational processes, human formation, indicating educational means for the improvement of reflection and action that are closely related, leading to the growth of the human being and that, in the

¹ Doutor em Educação (FEUSP); Pós-doutor em Educação (FE-UNICAMP); Pesquisador Colaborador e Professor Visitante (FE-UNICAMP).

jpolli@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-5139-6493>

<http://lattes.cnpq.br/9478191912905504>

midst of this concern, there is a greater, emancipatory objective, encompassing all the orders of this improvement: the promotion of justice, the secular and universal character of the public school, the right to the free expression of ideas, respect for the cultural realities of each student, the collective construction of knowledge and the defense of human rights.

Keywords: Dialogue; Emancipation; Human rights.

Resumen:

Este trabajo tiene como objetivo contribuir a la desmitificación de las atribuciones peyorativas sugeridas por diferentes actores en el campo no progresivo, respaldadas por la falta de información y la falta de referencias sólidas para el análisis, sobre el significado emancipatorio del trabajo de Paulo Freire y su impacto en la educación en derechos humanos. . También tiene como objetivo analizar las sugerencias teóricas de Freire como formas de construir mecanismos para consolidar un radicalismo democrático dentro de la sociedad brasileña. Buscamos demostrar que la principal preocupación de Paulo Freire es el carácter ontológico en los procesos educativos, la formación humana, lo que indica medios educativos para la mejora de la reflexión y la acción que están estrechamente relacionadas, lo que lleva al crecimiento del ser humano y que, en medio de esta preocupación, existe Un objetivo mayor, emancipatorio, que abarca todos los órdenes de esta mejora: la promoción de la justicia, el carácter secular y universal de la escuela pública, el derecho a la libre expresión de ideas, el respeto a las realidades culturales de cada estudiante, la construcción colectiva del conocimiento y La defensa de los derechos humanos.

Palabras clave: Diálogo; Emancipación; Derechos humano

Introdução

Paulo Freire é reconhecido como um dos educadores mais expressivos do campo progressista. Sustentava a construção de seu arcabouço teórico na cooperação intelectual. Por esta razão não é possível pensar uma análise de sua obra sem considerar os impactos e influências que provocou em inúmeros países. Não é possível também, para demonstrar com solidez a importância de sua teoria, não relacioná-la a outras compreensões teóricas próximas.

Em nossos estudos, já publicamos dois livros que buscaram aproximar a sua “Ética Universal do Ser Humano” à “Ética do Discurso”, do filósofo alemão Jürgen Habermas. Para ambos, a dinâmica de uma

comunicação qualificada pode proporcionar consensos em torno de ideias e valores, além de sustentar qualquer projeto de educação reflexiva e emancipatória.

Preocupado com a tarefa primeira da formação humana, ético-política dos sujeitos, Paulo Freire recheava seus postulados de valores e sentidos utópicos que indicam a busca de um horizonte emancipatório. Foi um educador comprometido com as questões do seu tempo, nunca se submetendo categoricamente a enquadramentos sugeridos, ora pelo mercado, ora pelas ortodoxias de qualquer natureza ideológica, que para ele, são meios de afastamento da ação pedagógica do humano, fontes de manutenção de opressões de toda natureza.

Era um educador humanista e neomodernista, pelo fato de aderir ao projeto da universalidade de valores e ideias em construção, pressuposto no espírito da modernidade. Construir o conhecimento implica uma relação dialógica entre sujeitos não antagonizados socialmente, relação que em Freire provém de sua concepção dialética da história. A racionalidade sustenta-se neste processo dialógico e indica a possibilidade de um “ser mais” para todos os sujeitos inseridos numa realidade histórica contraditória, mas fecunda e cheia de possibilidades para a ação emancipatória.

Paulo Freire colocava-se sempre aberto para a recriação e a transformação de suas próprias ideias, elas mesmas fruto de um processo longo, que desemboca na proposição de uma “Ética Universal do Ser Humano”, que subentende a busca incansável do desenvolvimento de projetos emancipatórios com a contribuição da educação.

Crítico feroz do que chamou de bancarização da educação, propôs uma *Teoria da Ação Dialógica* como suporte referencial para a superação de um modelo de educação que suprime o diálogo, que não avalia os interditos do mundo sistêmico, as intenções de domínio, divisão, manipulação. Também crítico de um modelo de liberdade assentado nos ideais liberais, que isolam os indivíduos e os colonizam em realidades

opressoras, detecta a falta de garantias democráticas, a centralização do poder, a dependência cultural.

Em lugar de uma educação bancária propõe uma educação problematizadora, que pode evidenciar as situações-limite e ensejar o inédito viável, uma concepção política que tem como objetivo maior a emancipação.

Para Freire há uma complexidade na elaboração de uma compreensão de mundo, que não pode ser sustentada em categorias fixas ou formas únicas de interpretação, um indicativo de que nunca foi um educador ortodoxo ou doutrinador. A complexidade da racionalidade está ligada ao fenômeno que chamou de inacabamento humano, que comporta a possibilidade da conscientização de que cada sujeito é parte integrante de um universo inteiro e que na medida em que há uma elevação do grau de liberdade, pode haver o desencadeamento de processos emancipatórios.

Ao contrário das afirmações difusas e descontextualizadas sobre as fontes do pensamento freireano, não há nenhum indicativo de que Freire seguia um único referencial de racionalidade. Certamente pensava a tradição de luta contra o colonialismo, as forças hegemônicas, o autoritarismo, as posições liberais e neoliberais, em favor de processos emancipatórios.

No entanto, as fontes de inspiração vieram da tradição humanista, da fenomenologia, do personalismo cristão e do existencialismo, de onde retirou a compreensão de que o homem é um ser em construção, livre e criador de possibilidades de consciência com intencionalidade. Das categorias e instrumentais teóricos do marxismo, considera e utiliza a ideia central de que o homem vive em contextos econômicos fomentadores de ideologias e que na medida da tomada de consciência de sua realidade, dialeticamente as critica e age coletivamente para combatê-las. Não há como não observar os fundamentos provenientes da fenomenologia de base hegeliana, de onde extrai a ideia de síntese cultural. O homem é um existente humano (Dasein), situado historicamente, que vai em busca de uma condição pessoal e social de vida plena de significado. Nas últimas

décadas de sua vida, associou-se e foi associado aos autores ligados à Teoria Crítica da Sociedade.

O futuro possível para Freire, a emancipação, é um projetar-se na associação entre conhecimento e prática transformadora. O homem pode transformar e transcender sua realidade pessoal e social, já que a dinâmica histórica permite a aquisição de conhecimentos que o levam a compreender sua relação com o tempo e a existência.

Esta complexidade de referenciais que levaram às formulações teóricas de Freire, o tornaram um estudioso comprometido com a superação da realidade injusta do modelo de sociedade capitalista, imaginando possibilidades concretas para repensar a vida social e a educação.

Desta forma, toda a obra de Paulo Freire gira em torno de uma opção em ler existencialmente a condição humana, levando em conta as realidades materiais degradantes dos oprimidos e a possibilidade ontológica em “ser mais”, que caracterizam a centralidade de sua proposta numa dinâmica de formação ético-política. Esta opção toma o diálogo como caminho para a consciência sobre si mesmo e a realidade mais ampla, tendo como objetivo a busca coletivo-solidária de reconstrução do mundo, num contínuo compartilhamento de ideias mediatizadas pela realidade histórica, a busca pela emancipação.

O diálogo, portanto, não é o diálogo romântico, nem escapa aos riscos de instrumentalização de classe, tornando-se um recurso monológico de imposição de valores e crenças. Como uma forma de reagir às formas de pensamento centradas no econômico, sobretudo as que têm sido empreendidas como supostas soluções para os problemas do avanço social, Freire mobiliza seu discurso na compreensão ético-política dos problemas sociais, uma reação às imposições do mercado. Na interação dialética entre teoria e prática será possível promover situações que contribuam para a emancipação possível.

Um contexto histórico que exige a comprovação da exemplaridade do pensamento de Paulo Freire.

Há um consenso entre os estudiosos de Paulo Freire em torno do fato de que o conhecimento sobre a sua obra e o conseqüente reconhecimento, bem como suas implicações práticas são mais profícuos fora do Brasil. Estudos desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa, sobretudo por intelectuais ligados à *Teoria Crítica da Sociedade* e às diferentes expressões de pensamento no campo progressista atestam em parte esta realidade. No entanto, há que se considerar que se Paulo Freire não fosse reconhecido no Brasil, não seria combatido por grupos conservadores. As experiências populares de alfabetização de adultos desenvolvidas em Angicos e em Natal, no início dos anos 60, com base em seu método de alfabetização, foram motivadoras das perseguições que sofreu, ao mesmo tempo que o projetaram para o mundo. É no Brasil que Freire desponta e faz a diferença.

A associação calculista, imediatista, doentia e de frágil argumentação, que insiste em caracterizar as ideias de Paulo Freire como sustentadoras de uma doutrinação esquerdizante, são fruto do desconhecimento, da má fé e da intenção em desmerecer as contribuições do patrono da educação brasileira para a elaboração de um pensamento brasileiro libertador.

Alguns lugares-comuns têm sido disseminados pelos setores reacionários da sociedade brasileira a respeito da obra de Paulo Freire. Dentre esses lugares-comuns destacamos: 1. Paulo Freire é um teórico doutrinador; 2. Paulo Freire é um teórico marxista-comunista (suas teorias seriam base de um suposto marxismo cultural); 3. Paulo Freire é o responsável pela crise da educação brasileira por causa da suposta utilização de seu método; 4. Paulo Freire valorizaria apenas o conhecimento popular, desprezando o conhecimento científico; 5. É um educador utópico e suas ideias não têm efeito prático; 6. Criou um método de educação; 7. Ninguém o conhece; 8. É mais conhecido fora do Brasil que em seu próprio país. São apenas alguns exemplos dos estereótipos que não se sustentam.

Dentre as muitas investidas contra as suas ideias, está a tentativa de judicializar a livre manifestação do pensamento, por meio de diferentes projetos de lei, em âmbito federal, estadual e municipal, que tentam instituir

a chamada “escola sem partido”. Até o presente momento, os projetos legislativos que tentam implementar esta proposta não lograram êxito.

Em manifestação pública, datada de julho de 2016, a congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, revelou sua extrema preocupação, por meio de uma moção, diante da receptividade positiva por parte das casas legislativas brasileiras às propostas de controle do espaço escolar, com o propósito de defender crianças e adolescentes de supostas “doutrinações esquerdistas”. Recorrendo aos artigos 205 e 206 da Constituição Federal de 1988, o documento se preocupa com as possíveis formas de criminalização previstas nos projetos da “escola sem partido”. Alegando que tais projetos violam os princípios de liberdade de ensino e pesquisa, a moção faz clamor em defesa do conhecimento, da democracia e da reflexão crítica, sugerindo o diálogo como meio para resolver questões relativas às diferentes interpretações sobre os problemas do mundo.

Alguns setores da mídia já vinham alimentando, desde fins da década de 2000, o repúdio ao pensamento de Paulo Freire, abordando sem nenhum rigor jornalístico ou teórico, conceitos de Paulo Freire que, distorcidos, são tomados como motivos para o repúdio à sua obra. Episódio de grande repercussão foi a publicação, em 20 de agosto de 2008, em um órgão da imprensa escrita, a Revista Veja, de uma matéria comparando a popularidade de Paulo Freire a de outros pensadores de renome e constatando o “absurdo” da discrepância entre os nomes citados:

Muitos professores brasileiros se encantam com personagens que em classe mereceriam um tratamento mais crítico, como o guerrilheiro argentino Che Guevara, que na pesquisa aparece com 86% de citações positivas, 14% de neutras e zero, nenhum ponto negativo. Ou idolatram personagens arcanos sem contribuição efetiva à civilização ocidental, como o educador Paulo Freire, autor de um método de doutrinação esquerdista disfarçado de alfabetização. Entre os professores ouvidos na pesquisa, Freire goleia o físico

teórico alemão Albert Einstein, talvez o maior gênio da história da humanidade. Paulo Freire 29 x 6 Einstein. Só isso já seria evidência suficiente de que se está diante de uma distorção gigantesca das prioridades educacionais dos senhores docentes, de uma deformação no espaço-tempo tão poderosa, que talvez ajude a explicar o fato de eles viverem no passado. (APP-SINDICATO, 2008, on-line)

A matéria mereceu uma carta de repúdio da educadora Ana Maria Araújo Freire, esposa de Freire, jamais publicada. Estes elementos indicam que já havia uma arquitetura da destruição e descaracterização da obra de Paulo Freire, acentuando o uso de seu nome como referência para justificar, oito anos depois, a investida em projetos de lei que sugerem a necessidade de uma “escola sem partido”. Tais iniciativas fundamentam-se em postulados estes sim arcaicos, a suposta neutralidade científica e a neutralidade política.

Sobre a ideia de que Freire seria um teórico doutrinador, há em seus próprios escritos elementos de análise que desmistificam este parecer. Em processo de lançamento de uma nova biografia, dentre as muitas que já foram publicadas, o educador Sérgio Haddad, defendeu em recente entrevista ao jornalista Wellington Ramalho, do portal UOL (22.12.2018), que “(...)nunca, em nenhum momento dos seus escritos e da sua prática, advogou a ideia de ser favorável à doutrinação política ou partidária dos alunos. Ao contrário, sempre defendeu o respeito e o diálogo entre a diversidade de opiniões.”

Paulo Freire já deixava claro em sua obra *Medo e Ousadia*, publicada em forma de diálogo com o educador americano Ira Shor, que sua perspectiva educacional é por natureza em favor de uma radicalidade democrática.

Sobre o direito de iniciar a transformação da consciência, só poderia resumir o que já disse sobre manipulação,

dominação e liberdade, e, depois acrescentar mais alguma coisa. Eu disse que o educador libertador nunca pode manipular os alunos e tampouco abandoná-los à própria sorte. O oposto da manipulação não é *laissez-faire*, nem a negação da responsabilidade que o professor tem na direção da educação. O professor libertador nem manipula, nem lava as mãos da responsabilidade que tem com os alunos. Assume um papel diretivo necessário para educar. Essa diretividade não é uma posição de comando, de “faça isso” ou “faça aquilo”, mas uma postura para dirigir um estudo sério sobre algum objeto, pelo qual os alunos reflitam sobre a intimidade de existência do objeto. Chamo essa posição de radical democrática, porque ela almeja a diretividade e a liberdade ao mesmo tempo, sem nenhum autoritarismo do professor e sem licenciosidade dos alunos. (FREIRE; SHOR, 1986, p. 203)

Freire também alertava, em 1959, quando da aprovação de sua tese para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, denominada *Educação e atualidade brasileira*, que há uma distinção a ser feita entre uma consciência transitiva crítica e uma consciência transitiva ingênua, caracterizada pela

simplicidade na interpretação dos problemas, idealização do passado, transferência acrítica da responsabilidade e da autoridade, subestimação do homem comum, inclinação ao gregarismo característico da massificação, impermeabilidade à investigação, gosto acentuado pelas explicações fabulosas, fragilidade da argumentação, forte teor de emocionalidade, desconfiança de tudo que é novo, gosto não propriamente do debate, mas da polêmica, explicações mágicas, tendência ao conformismo. (FREIRE, 2001, pp. 30-31)

Detecta-se previamente uma aparente atualidade destas características nas formas de combate ao próprio pensamento de Paulo Freire. Desde aquele momento, o educador já indicava caminhos para a efetiva prática coletiva da construção de conhecimentos sólidos para entender a realidade, quando propunha uma consciência transitiva de feição crítica:

A transitividade crítica pelo contrário, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Esta modalidade de consciência transitiva teria como características a “substituição de explicações mágicas por princípios causais”; o teste dos achados e a permanente disposição a suas revisões; a disposição ao abandono de preconceitos na análise dos problemas; o esforço por evitar deformações; a recusa à transferência de responsabilidade, a “recusa por posições quietistas”; a “segurança na argumentação”; “o gosto pelo debate”, uma “maior dose de racionalidade”; a aceitação de arguições; a “apreensão e receptividade a tudo o que é novo”. Seria também marcada pela aceitação da massificação como um fato, e ao mesmo tempo pelo esforço dirigido à humanização do homem. (id.)

No entanto, as condições para o florescimento desta consciência crítica só se dariam em realidades históricas propícias.

Para o bem da verdade, Beisegel (2010) faz lembrar que, desde a publicação da *Pedagogia do Oprimido*, obra escrita em 1968, o educador vinha sendo questionado por grupos mais sectários do campo marxista, que o consideravam idealista, verbalista, perdendo-se num discurso ontológico que propõe o amor, diálogo, esperança, humildade e simpatia. Freire os acusava de incapazes para o diálogo democrático. Mas é justamente nesta

obra que Paulo Freire se apropria de categorias marxistas, assumindo-se como um cristão revolucionário comprometido com a emancipação dos oprimidos, em certa medida, aprimorando e revendo conceitos anteriores como os das modalidades de consciência (intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica), conscientização e diálogo. Mas, em sua última obra, *Pedagogia da autonomia-saberes necessários à prática educativa*, Freire deixa claro que “nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove, sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores de história e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção.” (FREIRE, 1999, pp. 145-146)

Em grande medida, o movimento crescente em torno do enfraquecimento do discurso político e da mobilização social são fruto de longas décadas de fortalecimento do discurso neoliberal. Para arrefecer os impactos desta destituição da política do campo da formação humana, entrou em cena um outro discurso, o discurso ético, descaracterizado e instrumentalizado para as finalidades de diminuição das forças emancipatórias, inclusive no meio educacional. A ética, dissociada da política, torna-se atividade deslocada da intenção emancipatória.

O conceito de emancipação, desde sua origem mais remota, com a publicação da obra *Questão Judaica*, por Karl Marx, em 1844, sempre contemplou a conexão entre a experiência pessoal e a relação com os outros. Para Freire, o sujeito, recolocado em seu papel de agente da transformação, sai do lugar de oprimido e se coloca na condição de ser pensante e mobilizador de forças emancipatórias. Mesmo com as contradições e impasses gerados pelos sistemas controladores, a mudança social em busca da emancipação, antevê as limitações funcionais destes sistemas e do complexo contexto social, alimentando a esperança de uma totalidade ética. Muito deste conceito em Freire deve ao paradigma clássico da práxis social marxista, que precisa ser compreendido em sua apropriação teórica.

Destaca-se que, antes mesmo dos ideais de redemocratização da sociedade brasileira terem sido defendidos nos idos dos anos 80, Freire já apontava, na *Pedagogia do Oprimido*, o lugar dos sujeitos sociais,

possuidores de direitos civis e subjetivos inalienáveis. Hoje, em grande medida, devido aos esforços de compreensão sobre a radicalidade democrática, oriundos da concepção marxista de sociedade em Freire, muitas ações têm sido empreendidas em torno da ampliação desses direitos, sobretudo em relação às questões de gênero, de etnia, às lutas das pessoas com deficiência e ecológicas, que são parte integrante, dialeticamente, desse processo de emancipação coletiva.

Diferentemente do que se propaga, a perspectiva ético-política da pedagogia de Freire funda-se nas liberdades individuais e numa consciência sobre o estar no mundo, uma consciência histórica que se elabora nas práticas de diálogo autêntico e qualificado para a superação das condições pessoais e coletivas perversas. A escola é um espaço onde se constituem práticas de engendramento de elementos radicais de democratização e fomentação da esperança, como futuro a ser inventado, por meio de um novo ethos, a humanização, processo permanente de construção existencial e social.

Pelas razões elencadas, o investimento na desmistificação das distorções de toda natureza relacionadas à obra de Paulo Freire, especialmente as que a tomam como fundamento de práticas doutrinadoras, faz-se tarefa de suma importância. Também salutar o debruçar-se sobre o estudo da força existente no sentido emancipatório da pedagogia de Paulo Freire, em momentos de recrudescimento do conservadorismo e das limitações de toda ordem que vem sendo impostas a uma educação com este sentido, bem como sua associação a outras abordagens teóricas da contemporaneidade, tanto no campo filosófico mais amplo, como no da educação, para reforçar a compreensão do sentido da emancipação possível em um contexto muito adverso.

Diante da falácia de que a utilização do suposto método freireano na educação brasileira teria levado ao seu “fracasso”, os críticos demonstram desconhecer duas questões: 1. As políticas de educação no Brasil sempre se inspiraram em modelos que não foram imaginados no Brasil. O tecnicismo, o discurso das competências e habilidades, fundamentaram tais políticas.

Apenas recentemente, a partir da década de 2000, Paulo Freire é tomado entre muitas outras referências, como um dos inspiradores de uma educação como direito social e subjetivo, mas nunca elaborou um método de ensino, a não ser o método de alfabetização; 2. Paulo Freire, portanto, nunca foi efetivamente utilizado na educação básica brasileira, nem mesmo seu suposto método. As inspirações teóricas de Freire não resultaram em método específico, já que seus conceitos são utilizados de diferentes maneiras para diferentes práticas educativas.

Corroborando com esta opinião, Raphael Silva Fagundes e Wendel Barbosa, em artigo publicado no portal *Le Monde Diplomatique Brasil*, em 03.01.2019, afirmam que “(...) apesar de ser inspirador e de ter se transformado em patrono da educação brasileira, suas ideias (as de Freire), são usadas pontualmente, e não como uma política pública aplicada ao sistema educacional brasileiro como um todo.” No mesmo artigo, os autores fazem menção aos estudos de José Eustáquio Romão, professor do programa de pós-graduação em Educação da Uninove, um estudioso da obra de Paulo Freire, para quem os problemas da educação brasileira são, ao contrário, justamente porque as ideias de Paulo Freire não são aplicadas. Não haveria tantos problemas de compreensão do mundo e seus problemas, tantos preconceitos e discursos discriminatórios disfarçados de opinião, diz o autor.

Romão foi entrevistado pela BBC Brasil em 24.07.2015 e afirma que Paulo Freire não pode ser considerado influência de esquerda já que nem mesmo nas universidades ele entra desta maneira, mas como “frase de efeito, como título de biblioteca, nome de salão.” (BBC, 2015)

Outro lugar-comum é que Paulo Freire, ao valorizar o conhecimento popular, a experiência cultural dos que se inserem em processos educativos como ponto de partida para outras formas de conhecimento, desvalorizaria os conhecimentos científicos. Muitas críticas, ao longo dos anos, especialmente no Brasil, se situavam neste universo, considerando Paulo Freire um educador que desprezava o conhecimento científico. Ao contrário, ao criticar a bancarização e a memorização nos processos educacionais,

apontava a importância da criticidade nas relações com os objetos do conhecimento. Em vários momentos de sua obra ele reafirma seu compromisso com o rigor científico. Na Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa, afirma que

Pensar certo, em termos críticos é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando de “curiosidade epistemológica. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 1999, p. 29)

Paulo Freire também é acusado de ser utópico e sem vinculação com a prática. Fruto de uma percepção baseada num viés binarista do conhecimento, a suposta oposição entre teoria e prática, esta acusação sem sentido não tem base na realidade já que inúmeras práticas pedagógicas foram desenvolvidas com base nas ideias de Paulo Freire, no Brasil e no exterior.

José Eustáquio Romão, na entrevista concedida à BBC, reforça que as ideias e o método de alfabetização foram usados como base de políticas públicas em diversos países, mas no Brasil são apenas experiências pontuais. O pesquisador afirma que se o método de alfabetização fosse utilizado no Brasil, já não haveria mais analfabetos. Diversos países o

utilizam, como a Finlândia, a Coreia do Sul (onde se desenvolve o maior evento internacional sobre Paulo Freire), o Japão, Cuba, Hungria, País Basco, Mongólia.

Durante uma de nossas passagens por Portugal, verificamos que em vários momentos da história da educação daquele país o método de alfabetização de Paulo Freire foi utilizado na prática, especialmente no processo da Revolução dos Cravos, com a alfabetização de camponesas pelo Movimento Graal, nas comunidades rurais do entorno da cidade de Coimbra. As políticas de educação de adultos naquele país nos momentos posteriores à revolução, foram inspiradas nas ideias de Paulo Freire, relacionando formação escolar com o trabalho, em diversas atividades no interior do país.

Há também uma grande confusão ao considerar o método de alfabetização com um método educacional geral. Os princípios freireanos são confundidos como método. As ideias geradoras, o sentido do inédito viável, da leitura de mundo e demais conceitos, fazem parte de um escopo filosófico-educacional que não se traduz em um método. Se considerarmos método como caminho, no sentido original da palavra, certamente Paulo Freire indicou um caminho. Mas o discurso educacional tradicional sempre se fundamentou na necessidade de métodos fechados, sem a abertura com que Freire pensa a educação, forma de pensamento que ele pretendia que fosse sempre reformulada e recriada.

Grande desinformação também leva à percepção de que Freire não é conhecido. Elliott Green, professor associado da Londo School of Economics analisou menções nos trabalhos disponíveis na ferramenta Google Scholar, onde a Pedagogia do Oprimido de Freire aparece como a terceira obra mais citada, superando pensadores como Michel Foucault e Karl Marx.

Nas mais importantes universidades do mundo há referências sobre Paulo Freire. Há meios para constatar esta assertiva e verificar que nas instituições como University of Oxford, University of Cambridge, Stanford University, Massachusetts Institute of Technology, California Institute of

Technology, Harvard University, Princeton University, Yale University, Imperial College London, University of Chicago, Universidade de Zurich, Johns Hopkins University, University of Pennsylvania, University College of London, University of California-Berkeley, Columbia University, University of California-Los Angeles, Duke University, Cornell University, University of Michigan, há registros de trabalhos ligados ao pensamento de Paulo Freire.

Também há projetos e homenagens em desenvolvimento inspirados em Paulo Freire nas Universidades de Tucson-Arizona, Lancashire Central-Londres, Universidade do Porto, no Centro Paulo Freire de Viena, Universidade Chapman-California, Centro Paulo Freire da Finlândia, Universidade de KwaZulu-África do Sul, Universidade Paulo Freire de Manágua-Nicarágua, Universidade de Coimbra-Portugal, Universidade Lusófona de Lisboa. Além disso, existem os Centros de Estudos em Paulo Freire na Finlândia, África do Sul, Áustria, Alemanha, Holanda, Portugal, Inglaterra, Itália, Estados Unidos.

Se consideramos atividades pedagógicas realizadas em escolas de educação básica, apontamos as experiências realizadas na Revere High School, em Massachusetts, que foi considerada em 2014 a melhor escola de ensino médio dos Estados Unidos. Também em Kosovo, jovens acadêmicos criaram um projeto de ciência cidadã para monitorar condições ambientais. Um dos mais recentes exemplos é o da Escola Exalt Youth, uma instituição de ensino e orientação profissional para crianças e jovens em situação de conflito com a justiça, que realiza parcerias com empresas para ressocializar jovens em situação de conflito, que homenageou Paulo Freire dando nome a uma de suas salas.

Há uma Cátedra Paulo Freire em Sevilha, com vários estudiosos da educação se dedicando ao pensamento freireano, por meio de eventos e publicações. Na Universidade de Genebra, onde Paulo Freire lecionou, eventos constantes são organizados para celebrar suas contribuições para a educação naquele país e no mundo. Em 1994, Paulo Freire recebeu um de

seus títulos de doutor honoris causa na Universidade de Barcelona, dentre os 39 recebidos.

Há uma distorção, no entanto, a sustentação de que Paulo Freire é mais conhecido fora do Brasil que no seu próprio país. Ainda que consideremos esta assertiva como verdade parcial, não podemos deixar de citar as inúmeras experiências educacionais que acontecem no Brasil constantemente. Como lembra Balduino Andreola (2013), há pelo Brasil afora, “(...) grupos, movimentos, ou centros que valorizam o estudo e a recriação da obra de Paulo Freire. Um dos mais conhecidos é, talvez, o Centro Paulo Freire: Estudos e Pesquisas, do Recife (...)”. (ANDREOLA, 2013, p. 96)

Ainda é possível constatar a existência de organizações não governamentais, como o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, Cooperativas educacionais (Colégio Paulo Freire de Jundiáí), cursos de formação de professores e agentes educativos (Curso de extensão em Educação Não Formal da FA-UNICAMP, em Limeira), do Instituto Paulo Freire, de escolas privadas (Colégio Santa Cruz), de escolas públicas (Escola Estadual Rural Taylor-Egídio), de projetos em empresas (Projeto Alfabetização Cidadã-Samsung) que se baseiam nas ideias de Paulo Freire.

Ana Maria Araujo Freire (2006) identificou, até 2005, a existência de 303 escolas com o nome de Paulo Freire: 47 estaduais, 190 municipais, uma distrital, uma federal, uma do Movimento dos Sem Terra e 63 privadas. Além disso, espalhados pelo mundo, 13 teatros, 14 diretórios acadêmicos, 33 praças e logradouros, 8 bibliotecas, 7 cátedras, 30 centros de pesquisa. Freire recebeu também 6 prêmios importantes e 122 homenagens. Há também 12 medalhas, condecorações e prêmios com o nome de Paulo Freire, concedidos por várias organizações espalhadas pelo mundo. Paulo Freire recebeu 39 títulos de Doutor Honoris Causa em diferentes universidades no Brasil e no exterior, 4 outros títulos honoríficos e 9 títulos de doutor Honoris causa não recebidos devido à doença e morte. Recentemente, a Faculdade de Educação da Unicamp homenageou seu ex-professor, dando seu nome ao seu edifício principal.

Há, evidentemente, no bojo destas tentativas de desqualificação, aquilo que Baldunino Andreola (2013) aponta:

Este fenômeno de memória necrófila com relação a grandes personalidades nossas foi oficializado, em vários momentos de nossa história, por regimes autoritários e repressores, na forma de ritos macabros de satanização, mediante os quais cidadãos e cidadãs eminentes, com atuação altamente reconhecida, como intelectuais, artistas políticos ou lideranças populares, foram julgados como traidores, destituídos de suas funções e condenados ao cárcere, ao exílio ou então ao anonimato dos cemitérios clandestinos. Isso não é imaginação, são fatos sobejamente conhecidos. (ANDREOLA, 2013, p. 93)

No entanto, a perspectiva ético-política que fundamenta o caráter emancipatório da educação freireana, continua a inspirar práticas efetivas de mudança social por meio do trabalho educativo. As tentativas de desqualificação não sobrepujam o valor e a atualidade de Paulo Freire:

Freire é principal ainda hoje para muitos de nós, porque, pensador do seu tempo, disponibiliza fundamentos para pensar a escola em contexto também no nosso tempo. É por isso que Freire dá o que pensar, colocando à disposição do mundo contemporâneo possibilidades de confrontos teórico-práticos referentes à totalidade das relações, o que torna fundamental a problematização de verdades absolutas. Defendemos a atualidade de Freire, porque ele busca refundamentar a educação em sua base epistemológica e ética, condição de possibilidade de exercício moral mínimo, com vistas ao que é ontologicamente máximo na relação social. (ANDREOLA, 2013, pp. 100-101)

Além da constatação da atualidade do pensamento, percebe-se também um amplo espectro de influências de suas contribuições sobre trabalhos educativos de diversas naturezas. Um deles está relacionado ao avanço dos debates e ações em torno da defesa e promoção dos direitos humanos, com o surgimento de instituições, programas de ensino, eventos nacionais e internacionais inspirados, em grande medida, nos princípios freireanos de educação. Em um desses casos, está a criação de uma linha de pesquisa em Filosofia, educação e direitos humanos, no departamento de história e filosofia da educação da Faculdade de Educação da Unicamp, no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Educação-PAIDEIA. Em Campinas-SP, também foi criado o Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção dos Direitos Humanos, que tem desenvolvido parcerias internacionais que ajudam a divulgar trabalhos de pesquisa em educação e direitos humanos, como o Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra, que todo ano congrega centenas de pesquisadores de todo o mundo.

Considerações finais

As dissonâncias interpretativas em torno da obra de Paulo Freire na atualidade brasileira, devem-se, em grande medida à má fé, desinformação e uso político das ideias do educador brasileiro, para desqualificá-lo. Com há em curso um projeto que pretende desvalorizar e minimizar as políticas públicas em favor dos direitos humanos e de uma educação emancipatória e em direitos humanos, este artigo buscou demonstrar que inúmeras experiências educacionais em curso, mundo afora, se sustentam nas ideias de uma educação humanizadora em Paulo Freire, o que desfaz por completo uma série de lugares-comuns sobre a atualidade e prospecção de seu

trabalho, bem como da suposta falta de praticidade das ideias do patrono da educação brasileira.

Sua preocupação teórica de base, em torno de projetos educacionais para a formação do “ser mais”, inspira-se numa ética universalista, num humanismo crítico emancipatório, sem os quais, não é possível pensar uma educação em direitos humanos. A prática do diálogo qualificado como método educativo de base, sustenta inúmeras reações que hoje se constroem no Brasil e no mundo, a todas as formas de pensamento cerceadoras da liberdade crítica. Há projetos que desmentem o desmerecimento à obra de Freire e que provam sua atualidade prática.

Referências

ALCOFORADO, Luis; BARBOSA, Marcia Regina, BARRETO, Denise Aparecida Brito. (orgs.). *Diálogos freireanos*. A educação e formação de jovens e adultos em Portugal e no Brasil. Coimbra/Recife: Universidade de Coimbra/Universidade Federal de Pernambuco, ano.

ANDREOLA, Balduino. *Atualidade de Paulo Freire*. Revista Educação On Line, no. 14, p. 89-104, ago/dez 2013.

ANDREOLA, Balduino; RIBEIRO, Mario Bueno. *Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra*. Revista Estudos Teológicos, v. 45, n. 2, p. 107-116, 2005. EST, São Leopoldo.

APP. SINDICATO. Viúva de Paulo Freire envia carta de repúdio à Revista Veja. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/?p=11770/>. Acesso em 02.12.2019.

BEISEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife: MEC/Fundação Joaquim Nabuco/FNDE. 2010.

_____. *Política e educação popular*. São Paulo: Ática, 1989.

CORTESÃO, Luiza. *Prefácio*. Pedagogia do Oprimido. 3ª. Ed. Porto: Afrontamento: 2018.

COSTA, Camila. Brasil nunca aplicou Paulo Freire, diz pesquisador. BBC Brasil. Entrevista com José Eustáquio Romão. 24.07.2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_rom_ao_paulofreire_cc. Acesso em 20.01.2018.

DEMO, Pedro. *Conhecimento e aprendizagem: atualidade de Paulo Freire. Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI*. CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales. 2001.

FANON, Frantz. *Los condenados de la tierra*. México: Fondo de cultura económica, 1977.

FAUNDEZ, Antonio. *Paulo Freire e sua influência na América Latina e na África*. Rev. Diálogo Educacional, PUC-PR, Curitiba, v. 12, n. 36, p. 593-611, maio/ago. 2012.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: UNESP. 1999.

_____. *Paulo Freire – uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez/IPF, 2001.

_____. *Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Conscientização – teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Á sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'água, 2001.

_____. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GAMBOA, Silvio Sanches. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.

HADDAD, Sérgio. *Paulo Freire e o papel das Agências de Cooperação Europeias no apoio à Educação Popular no Brasil*. Revista Pro-Posições, v. 25, n. 3 (75), pp. 123-141, set./dez. FE-UNICAMP, 2014.

_____. *O educador. Um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.

JEFFREY, Débora Cristina; SMOLKA, Ana Luiza; ALMEIDA, Ana Maria F. (orgs.) *Dossiê Paulo Freire e o debate educacional contemporâneo*. Revista Pro-Posições, v. 25, n. 3 (75), pp. 23-43, set./dez. FE-UNICAMP, 2014.

LIMA, Licínio. *Organização escolar e democracia radical. Paulo Freire e a governação democrática da escola pública*. 3ª.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Venício. *Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire*. Brasília: UNB/Fundação Perseu Abramo, 2011.

MÉSZÁROS, István. Ideologia e Emancipação. In: *O Poder da Ideologia*. Tradução Paulo Cezar Castanheira. – São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MELO, Alberto, BENAVENTE, Ana. *Educação popular em Portugal (1974-1976)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MAGENDZO, Abraham. *Pedagogía crítica y educación em derechos humanos*. Revista de Pedagogía crítica Paulo Freire, ano 2, no. 2, dez-2003. Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Facultad de Pedagogía. Chile.

MARIE, Pierre. *Revolução dos Cravos e educação popular: as associações de educação popular em Portugal (1974-1986)*. Revista da História da Sociedade e da Cultura. Universidade de Coimbra-Portugal. No. 17, p. 371-390, 2017.

MASHIBA, Glaciane Cristina Xavier. *Emancipação humana em Theodor Adorno e Paulo Freire*. Tese de doutorado. UEM, 2013.

MAYO, Peter *L'eredità política e pedagogica di Paulo Freire oggi, in Europa e nel Bacino del Mediterraneo*. 1 an/Jun 2002. L-Università tá Malta. Disponível em: <https://www.um.edu.mt/library/oar//handle/123456789/1439>.

MENEZES, Marília Gabriela de. *Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório*. Revista Pro-Posições, v. 25, n. 3 (75), pp. 45-62, set./dez. FE-UNICAMP, 2014.

MORAIS, Clodomir Santos de. *Cenários da Libertação. Paulo Freire na prisão, no exílio e na universidade*. Porto Velho: Edufro, 2009.

NETTO, José Paulo; BEHRING, Elaine. *A Emancipação Política e a defesa de direitos*. Revista Serviço Social e Sociedade, Ed. Cortez, junho de 2007.

NUNES, César. *Educar para a Emancipação*. – Florianópolis, SC: Sophos, 2003.

NUNES, César; POLLI, José Renato. *Educação, humanização e cidadania. Fundamentos éticos e práticas políticas para uma pedagogia humanizadora*. 2ª. Ed. Jundiaí/Campinas: In House/Brasília, 2020.

POLLI, José Renato. *Paulo Freire, o educador da esperança*. 2ª. Ed. Jundiaí: In House, 2013

RAMALHOSO, Wellingto. *Entrevista com Sérgio Haddad*. Portal UOL. 22.12.2018. Disponível em: www.educacao.uol.com.br/noticias/2018/12/22/paulo-freire. Acesso em: 20.01.2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *O fim do império cognitivo*. Coimbra: Almedina, 2018.

Submetido em: 08/06/2020

Aceito em: 23/06/2020

Publicado em: 30/08/2020